

Adornar o semiárido com a alegria



Várzea Alegre é um município que está localizado a 435 quilômetros da capital cearense Fortaleza. O nome atribuído à cidade foi dado por comboieiros que ao passar pelo local o distinguiu pela grande quantidade de pássaros que cantavam nas abundantes várzeas que haviam por ali. Um dos grandes expoentes da cultura do município foi e é o saudoso Zé Clementino, o matuto que devolveu o trono ao rei, como ficou conhecido, por compor a música “o xote dos cabeludos” que colocou novamente nas paradas de sucesso do país o Rei Luís Gonzaga. Zé Clementino integrou a trilogia de defenso-

res do Jumento junto com o Rei do Baião e o Pe. Antonio Vieira; compôs ainda outros grandes sucessos como “os contrastes de Várzea Alegre” e “o jumento é nosso irmão.” Não é só no nome que Várzea é alegre; segundo pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), realizada em 2013, o município é um dos mais felizes do Brasil, não por acaso possui um dos carnavais mais movimentados do interior do estado do Ceará.

Aproximadamente 17 quilômetros do centro de Várzea Alegre localiza-se o sítio Graiado, o nome é uma onomatopéia, ocorreu por causa do cântico de uma espécie de arara que existe no semiárido brasileiro, o periquito da caatinga; de coloração verde e que anda em bandos. Em alguns lugares do Brasil o pássaro é também popularmente chamado de guenguirro ou greguelim.

É nesse chão de intensa relação com a natureza que vivem Luiza Esmênia da Silva, Cícero Soares Adorno e os Filhos José Vinicius da Silva, Cícero Vandir da Silva e Vicente da Silva Adorno. A família possui uma mandala, sistema de produção em círculos, que foi adquirida através de um projeto submetido a secretaria de desenvolvimento agrário- SDA do governo do estado do Ceará com assessoria técnica da EMATER, no final de 2013. A água que abastece a mandala vem de um cacimbão construído pela família em 2012. Os círculos que existem ao redor da mandala são chamadas de anéis, uma mandala sustentável possui geralmente nove anéis, imitando o sistema solar, no centro deve está a água, simbolizando a vida e no último a mata nativa que deve ser preservada para assegurar a sustentabilidade do agrossistema. É fundamental dispor as plantas de acordo com a necessidade de água que elas possuem, as culturas que mais necessitam de água ficam mais próximas ao lago, como é o caso do coentro, da alface, da cebolinha...as que consomem menos água vão ficando mais distante, como o pimentão, quiabo, fruteiras, até subir e chegar às plantas nativas. A mandala da família começou pelo último anel, pois em 2008 foram contemplados com o Programa Nacional da agricultura Familiar- PRONAF C para criação de abelhas. “Antes aqui a gente queimava era tudo,” diz Esmênia. “A orientação que a gente tinha era pra queimar,” diz Cícero, “e a gente pensava que estava fazendo o certo,” completa ele. “Agora a gente não queima nada,” diz Esmênia, “se derrubamos uma bananeira, por exemplo, deixamos na terra, porque ela vai servir de adubo para o solo.”

afirma ela. Cícero diz, “a partir da criação das abelhas eu mudei a minha concepção em relação à mata, eu brocava e queimava tudo para plantar milho, feijão, capim... depois delas eu diminuí o gado, acabei com as queimadas, desmatamentos e elas ainda me ajudam na preservação. Antes entrava muita gente no meu terreno para tirar madeira, agora as abelhas não deixam. Esmênia diz, “quando vamos trabalhar vai todo mundo junto,” dizendo assim parece referir-se ao casal e aos filhos, esses estudam pela manhã e ajudam na lida com a mandala à tarde mas analisando de forma mais profunda “o todo mundo” a que ela se refere são os peixes, os gansos, as abelhas, o gado... cada ser vivo exerce uma função importante dentro do agrossistema. O sistema mandala facilita a integração das culturas, podas que se faz na mata se transformam em composto orgânico que alimenta as hortaliças e outras plantas. A poda das hortaliças alimenta os peixes e os gansos, as fezes dos gansos ajudam a fertilizar a água que vai para as plantas; as abelhas que estão no nono anel vem ao centro do lago para beber água e passam pelos demais polinizando as flores. Uns dependem dos outros para viverem bem. Cícero diz que o único problema que está enfrentando é com os pássaros que estão comendo o pimentão; diz ele, “já tentei fazer um acordo com os pássaros, pra eu ficar plantando de meia, mas eles não estão aceitando, eles querem é tudo, como a gente não deve matar os bichim estamos tentando encontrar uma maneira que nem nós nem eles saia prejudicados.”

Encontramos no nono anel, além das abelhas, elementos da fauna como o sabiá, o sanhaço, o canção... e da flora como a aroeira, o jatobá, a jitirana... é ainda neste anel que encontramos os frutos que são transformados em polpa. Cicero destaca que depois que mudou a forma de produção, já conseguiu comprar, com recursos adquiridos da mandala, a despoldadeira, uma moto, um veículo strada que o auxilia na entrega dos produtos que vende para o Programa de Aquisição de Alimentos-PAA. Esmênia afirma que muita gente vai comprar os produtos lá mesmo, na casa da família. “Eu gosto de vender porta a porta,” diz Cicero, “gosto do contato com a clientela,” completa ele. A família entrega, ainda, os produtos no comércio da própria cidade de Várzea Alegre e da vizinha cidade de Granjeiro.

A mudança para melhor ocorrida na vida da família, depois de 2008, com a chegada do PRONAF C abelhas é sempre destacada na fala do casal. “Antes a gente trabalhava como bruto, no pesado,” afirma Cícero, “agora a gente trabalha mais maneiro e o que eu ganho em um mês hoje, antes eu passava um ano. Meus amigos e vizinhos que viajaram daqui para trabalharem fora, quando chegam, ficam impressionados como foi que eu consegui as coisas e dizem: Tu está melhor que nós!” Cícero sonha, junto com outros produtores de mel do município, com a casa do mel de Várzea Alegre, “será um espaço que possibilitará o beneficiamento do mel e abrirá novos mercados,” diz ele, sonha ainda em continuar dando boa qualidade de vida aos filhos, para que eles possam terminar os estudos e dar continuidade ao projeto iniciado pelo casal. “Por que nós começamos aqui com muita dificuldade, estamos vendo que dá certo e não queremos ver isso aqui se acabar,” conclui Cícero.

